“BRAIN ROT”: OS EFEITOS DO DIGITAL NA ESCOLHA DA PALAVRA PELO DICIONÁRIO DE OXFORD

“BRAIN ROT”: THE EFFECTS OF DIGITAL TECHNOLOGY ON THE OXFORD DICTIONARY’S WORD CHOICE

Jonathan Ribeiro Farias de Moura
Fiocruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6635-8828

Resumo: O dicionário Oxford elegeu a expressão “Brain Rot” como a palavra do ano de 2024. Segundo o dicionário britânico, a palavra teve um aumento de 230% entre os anos de 2023 e 2024, o que mostra uma preocupação com os conteúdos digitais rápidos, superficiais e pouco desafiadores. Esse termo está intrinsecamente acompanhado de um declínio cognitivo com o uso de ferramentas da inteligência artificial, como o ChatGPT, que, a longo prazo, produz prejuízo cerebral, comprometendo a memória, a criatividade e o pensamento crítico. Pensando discursivamente, interessa-nos analisar como os efeitos do digital impactam a escolha dessa palavra e como esse gesto aponta para questões de saúde mental. Para tanto, utilizaremos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Materialista, além de operar com o conceito de discurso digital trabalhado por Dias (2018).
Palavras-chave: Brain Rot; Digital; Dicionário Oxford; Saúde Mental.

Abstract: The Oxford Dictionary has chosen the expression “Brain Rot” as the word of the year for 2024. According to the British dictionary, the word saw a 230% increase in usage between 2023 and 2024, reflecting concerns about fast-paced, superficial, and unchallenging digital content. This term is intrinsically linked to cognitive decline due to the use of artificial intelligence tools, such as ChatGPT, which, in the long term, causes brain damage, compromising memory, creativity, and critical thinking. From a discursive perspective, we are interested in analyzing how the effects of digital technology impact the choice of this word and how this gesture points to mental health issues. To this end, we will use the theoretical and methodological assumptions of Materialist Discourse Analysis, in addition to working with the concept of digital discourse as developed by Dias (2018).
Keywords: Brain Rot; Digital; Oxford Diccionary; Mental Health.

Introdução[1]

O dicionário de Oxford elegeu “Brain Rot” (expressão definida como podridão mental ou deterioração mental) como a palavra do ano de 2024. Para fazer a escolha, desde 2023, o dicionário foi fazendo uma relação entre voto

[1] Parte deste trabalho foi apresentada na IV Jornada Internacional E-Urbano: *Pensar o futuro, hoje.*

popular, análise de lexicógrafos do dicionário Oxford e o número de busca pelas palavras.

"Brain Rot" foi a palavra escolhida, com total de 37 mil votos, vencendo outras palavras como "lore" (conjunto de supostos fatos e informações, base para entender algo completamente); "demure" (algo como pessoa recatada, discreta, tímida); "romantasy" (combinação literária entre romance e fantasia) e "slop" (conteúdo de baixa qualidade gerado pela inteligência artificial). Além de ter apresentado um crescimento de 230% entre os anos de 2023 e 2024, e de uma preocupação por parte dos que votaram sobre o consumo excessivo de conteúdo online de baixa qualidade, tudo isso baseado em informações do site *Oxford University Press*[2].

Pensando discursivamente, interessa-nos refletir sobre esse movimento de escolha da palavra pelo dicionário, mas também sobre os impactos na saúde mental de jovens, mesmo que seja uma avaliação superficial e baseada em dados que são insuficientes para mostrar uma relação de causa e consequência. Ou seja, colocamos aqui um recorte daquilo que pode estar contribuindo para a deterioração da saúde mental de jovens, visto que é uma geração que já nasceu exposta a telas, mas não limitando que apenas a inserção do digital seja o fator que adoece, uma vez que é visível e notável como a dimensão do digital trouxe benefícios outros para todas as pessoas, inclusive para os mais jovens.

Como objetivo principal deste trabalho, interessa-nos analisar o movimento de escolha por parte do dicionário para eleger a palavra do ano, além de levar em consideração os conteúdos considerados triviais e a consequência dos impactos na saúde mental, principalmente de jovens. Para tanto, é importante ressaltar que recorremos ao arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Materialista.

[2] https://corp.oup.com/news/brain-rot-named-oxford-word-of-the-year-2024/. Acesso em: 4 set. 2025.

Primeiro – as condições de produção do momento

Os efeitos que o digital causa nos sujeitos são bem expressivos e se relacionam com a ordem vigente social e econômica. Dessa maneira, colocamos aqui a ideia que o filósofo Byung Chul-Han (2018) alerta sobre o momento atual do mundo:

> O neoliberalismo é um sistema muito eficiente – diria até inteligente – na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade (como emoção, jogo e a comunicação) é explorado. Explorar alguém contra sua própria vontade não é o suficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro. (Han, 2018, p. 11)

Nessa toada que Chul-Han coloca, façamos um trabalho interpretativo que as redes sociais digitais operam justamente em cima da “emoção, do jogo e da comunicação”, ratificando essa ideia de exploração da liberdade como capital a ser agenciado na vida dos sujeitos da sociedade contemporânea. O uso das redes sociais digitais por parte dos brasileiros está na média de 9h e 13 minutos. Entre jovens de 16 anos e adultos de 64 anos, a média do Brasil é de 3 horas e 37 minutos, de acordo com o relatório digital elaborado pela *We Are Social* e *Meltwater*.

Há uma disputa atualmente entre as *Big Techs* (empresas que gerenciam conglomerados digitais como Apple, Amazon, Meta, Microsoft e Google) e os Estados ao redor do mundo para regulamentar os conteúdos disponibilizados nas redes sociais digitais. No Brasil, há a lei do Marco Civil da Internet, que trata dos Direitos Humanos na internet, tendo 32 artigos, mas que não recobrem de forma suficiente as atualizações que ocorrem nas redes sociais, como, por exemplo, o uso das ferramentas de Inteligência Artificial e, com isso, uma propagação maior de notícias falsas manipuladas por ferramentas que emulam uma verdade por meio de imagens, sons, vozes e diversos outros elementos. E essas ferramentas estão cada vez mais dando ar de “realidade” aos conteúdos gerados.

No dia 11 de junho de 2025, o Supremo Tribunal Federal Brasileiro formou maioria para reinterpretar o artigo 19 do Marco Civil da Internet, permitindo que as empresas sejam responsabilizadas civilmente por conteúdos ilegais publicados por usuários, mesmo sem ordem judicial prévia. O debate ainda não findou no STF, dependendo ainda de votos de alguns ministros, mesmo que a maioria tenha direcionado o voto para responsabilização das empresas. As empresas de tecnologia resistem muito às regulações, porque, segundo elas, a moderação excessiva pode levar à censura e as leis nacionais fragmentadas dificultam operações globais. Os Estados, como o conjunto de países da União Europeia, Nova Zelândia, Austrália, entre outros, alegam que os monopólios das *big techs* prejudicam a concorrência e a democracia, além de confirmarem que as plataformas falham em combater a desinformação e crimes online.

Todo esse panorama recupera aquilo posto pelo Chul-Han sobre o neoliberalismo e a exploração da liberdade. Assim, o sujeito “livre” para falar, ouvir, fazer o que quiser é beneficiado pela plataforma, que proporciona o meio em que ele faz isso, isentando-se das responsabilidades de dar esse “megafone” que as redes sociais representam. Tudo isso sem levar em consideração o efeito de manada, ou movimento das massas, em provocar linchamentos virtuais, ou até mesmo crimes como machismo e racismo, com a legitimidade da “liberdade de expressão” e sua própria vontade.

As redes sociais digitais teriam virado amarras antidemocráticas e que trazem o pior da comunicação violenta para o debate com a vestimenta de liberdade de expressão? Como o autor coloca: “É a exploração da liberdade que produz o maior lucro”, e parece que essa retórica joga em uma ambivalência de uma liberdade submissa. A que ou a quem? Ao grande capital das *big techs*, que continuam lucrando com o engajamento do ódio e produzindo um impacto significativo no cognitivo dos sujeitos digitais e na saúde mental por consequência.

Definição de Brain Rot

De acordo com a definição do dicionário de Oxford: “Brain Rot: suposta deterioração do estado mental ou intelectual de uma pessoa, especialmente vista como resultado do consumo excessivo de material (agora particularmente conteúdo online) considerado trivial ou pouco desafiador. Também: algo caracterizado como suscetível de levar a tal deterioração.”

Há nessa definição um ponto importante, que é: o que é considerado trivial ou pouco desafiador? Quando pensamos em termos cognitivos, o que é considerado desafiador para uns pode não ser para outros e vice-versa. O que vale dessa discussão é, não importa o que seja considerado mais ou menos desafiador, estar exposto demais a apenas um tipo de conteúdo, em que os algoritmos vão moldando o que o sujeito internauta quer assistir, através dos *clicks*, das curtidas e do nível de compartilhamento. Dessa maneira, os sujeitos do digital, e aqui direciono minha reflexão para os jovens (crianças, adolescentes e novos adultos), são afetados por uma visão de mundo de bolha e um impulso ao próprio narcisismo: “(...) como a própria ação cotidiana individual passa a ser teleologicamente direcionada à projeção da própria imagem, ou pelo menos das representações de si, como mais uma mercadoria a ser barganhada do mercado de likes” (Faustino; Lippold, 2023, p. 155). Sem apresentar o diferente, ou, quando este se apresenta, precisa ser implodido e exterminado. Essa é a lógica de “liberdade de expressão” levada às últimas consequências com empresas que não colaboram com: crianças sendo expostas, meninas tendo conteúdo erótico com seus rostos, racismo de forma explícita, entre outros exemplos.

Essa condição parece afetar, principalmente, as gerações mais jovens, como a Geração Z e a Geração Alfa (geração entre 10 e 27 anos de idade), provocando sintomas como apatia, dificuldade de concentração, irritabilidade, ansiedade, diminuição da motivação e dificuldade para tomar decisões. O que é “conteúdo online de baixa qualidade”? Além do uso de ferramentas como o ChatGPT, que, segundo Kosmyna (2025), pesquisadora líder do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), provoca um prejuízo cerebral com impacto na memória, na criatividade e no pensamento crítico, há também o uso de

linguagens de memes em que as referências e inferências estariam apenas naquela comunidade de uso, como também jogos, textos que provocassem pouco, ou quase nada, o sujeito digital exposto a tal conteúdo.

Como afirma Dias: “O Digital produziu uma mudança na discursividade do mundo” (Dias, 2016). Isso aponta para milhares de práticas cotidianas, como: pagar contas, fazer reuniões, buscar informação, buscar entretenimento, buscar fazer parte de uma “coletividade”, entre muitas outras práticas. É uma relação bastante significativa e poderosa com a ferramenta digital nos sujeitos da atualidade.

A questão da memória para a Análise de Discurso é fundamental, porque ela é a base do dizer. Precisamos, enquanto sujeitos de linguagem, inscrever-nos no simbólico e significar pela língua. Isso poderia estar à margem do processo de reflexão sobre o digital, mas é fundante, pois articula discursos outros, de sujeitos outros, dentro de uma condição de virtualidade no/do digital. A quantidade de questões e assuntos que surgem para os sujeitos digitais é algo sufocante. Se sairmos das redes sociais e colocarmos tudo que está nos smartphones, ou seja, com os aplicativos com outras funcionalidades que não sejam de rede social, a tensão piora significativamente.

Essa memória metálica, “a infinidade de informações” (Orlandi, 1996, p. 16), ludibria os sujeitos digitais e os coloca numa posição de inércia, mas com a ilusão de que são livres e com a liberdade para enunciar o que quiserem. Além disso, na escolha da palavra pelo dicionário de Oxford, para além do trabalho dos lexicógrafos, houve também um olhar para a busca da palavra no dicionário (um crescimento de 230%) e o número de votos de 37 mil, fazendo assim com que os números funcionem para registrar a informação e chancelem a robustez da escolha.

Já a memória digital, como postula Dias (2016), “é esse resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento digital, pelo trabalho do interdiscurso” (Dias, 2016, p. 12). Logo, a expressão “*Brain Rot*” e toda a carga de significância dela, como a definição e a preocupação das pessoas pelo consumo de conteúdos de baixa qualidade,

operam e se fazem emergir na memória discursiva, ou seja, na memória do dizer, e ganha a chancela institucional do dicionário de Oxford para reproduzir e retratar um fenômeno que está acontecendo na sociedade em vários lugares do mundo. Podemos perceber que memória discursiva, memória metálica e memória digital operam para o funcionamento desse acontecimento discursivo (Pêcheux, 2012) de registrar a palavra no dicionário de Oxford. Segundo Maldidier: “A informática pode representar a mais grave das ameaças... A menos que a utilizemos como uma arma para defender os espaços não fechados dos sentidos” (Maldidier, 2003, p. 89). E é isso que retrato aqui nesse acontecimento com o dicionário de Oxford, uma maneira de criar, junto da informática/do digital, um mecanismo de alinhar e não de se curvar ao imperativo do digital. Um recurso de denúncia através dos mesmos mecanismos pelos quais o discurso digital se forja.

Um efeito de Análise

Brain Rot, então, é o item linguístico que materializa um fenômeno que vem ocorrendo na relação da “suposta” “deterioração cerebral” que os sujeitos vêm tendo no uso das redes sociais digitais. Aponto para uma suposta deterioração cerebral, porque é uma forma de interpretar o efeito que esses conteúdos de baixa qualidade afetam os sujeitos, principalmente, que esse efeito pode não ser universal, pode não se dar para todos os sujeitos que são expostos a esses conteúdos e assim por diante.

Mas, como bem nos lembra Orlandi (2008): “Para ressoar, é preciso a forma material, a língua-e-a história”. Nesse sentido, ter um termo que sintetize e faça ressoar uma questão que está em escala mundial parece uma estratégia discursiva poderosa e eficaz para aparentar uma relação homogênea e universalizante de como esse “brain rot” tem atingido os sujeitos que se deparam com esse tipo de conteúdo, colocado como trivial ou pouco desafiador.

Partindo do pressuposto de que esses conteúdos atravessam os sujeitos digitais e produzem esse impacto, podemos pensar nas seguintes perguntas: a ideia de questões cerebrais, intelectuais e/ou de saúde mental não seria projeto de poder das *big techs*? Uma vez que esse discurso ressoe e ganhe escalas

maiores, não teria um movimento de se fazer crer que esse conteúdo faz mal e tenha impacto em questões cerebrais, intelectuais e/ou na saúde mental? Até que ponto é o conteúdo que faz mal e até que ponto é o discurso que propagam sobre ele que dá a impressão de que ele faz mal? São questões que esse trabalho não pode responder, mas que são fundamentais para discussões futuras sobre esse tema.

E nessa esteira, o que Dias (2018) postula vai ao encontro disso:

> É nesse sentido que tomo o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalista (Dias, 2018, p. 28)

Uma vez que esses enunciados ressoam e repetem os significantes da pergunta acima, numa circulação dos sentidos, os sujeitos, aqui poderíamos colocar em especial os jovens em seu processo de formação, estariam mais vulneráveis e afetados pelo discurso sobre saúde mental? Os discursos que circulam nas próprias redes digitais poderiam proporcionar esse efeito ilusório de alienação de que tais conteúdos fariam mal. Mas, como nos ensina Pêcheux (2009), baseado em Althusser, todo ritual ideológico está sujeito a falhas. Desse modo, podemos pensar que as *big techs* podem deixar esses conteúdos circularem com o intuito de afetar os sujeitos e, dessa maneira, impactá-los com o discurso de saúde mental. Porém, esses mesmos conteúdos ressoam e fazem uma resistência por parte de alguns sujeitos digitais.

Paralelo à questão “conteúdo online de baixa qualidade”, outro ponto que podemos adicionar neste trabalho é sobre os discursos aos quais os sujeitos internautas estão expostos: racismo, LGBTQIAPN+fobia, xenofobia, capacitismo, machismo, entre outros, podendo provocar uma ideia de bolha e potencializar esses sentimentos, principalmente entre jovens. Ou seja, os jovens lêem/vêem os discursos preconceituosos circulando e se imbuem de uma legitimidade que alguns sujeitos das redes sociais dão (efeito bolha), sendo atravessados por uma ilusão de liberdade de direito sem nenhum dever; logo, propagam discursos e recebem discursos dos mais variados. Como coloca Han:

> Quanto mais tempo eu ficar na internet, mais minha Filter Bubble é preenchida com informações que eu curto e que corroboram minhas convicções. Apenas algumas opiniões e visões sobre o mundo que estão em conformidade comigo me são mostradas. Outras informações são retidas. A Filter Bubble me envolve, assim, em um "loooping-do-eu" permanente. (Han, 2022, p. 54)

Quando se colocam na posição de propagar, caso não tenham uma crítica e um conhecimento de questões legais, acabam cometendo crimes digitais ao expor, falar e xingar os interlocutores que podem ser da vida fora da internet ou podem apenas conhecer da internet, isso, provavelmente, potencializado pelo Filter Bubble (efeito bolha).

Alguns levantamentos de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) vêm apontando o adoecimento do jovem hoje em dia. O dossiê "Panorama das Situações de Saúde de Jovens Brasileiros: Intersecções entre juventude, saúde e trabalho" revela que o adoecimento mental é uma das principais causas de internação hospitalar dos jovens, principalmente os homens. No período estudado (2016-2022), os transtornos mentais foram a primeira causa de internação entre os homens de 15 a 29 anos no Sistema Único de Saúde. Essa estatística abrange as seguintes causas: esquizofrenia; psicose; uso de múltiplas drogas e outras substâncias psicoativas; e uso de álcool. Importante destacar que não há uma correlação direta de causa e efeito entre essas causas e o uso de internet; porém, de acordo com o mesmo estudo, há um crescimento dos números, e aqui podemos recorrer a essa possibilidade de impacto do uso do meio digital na saúde de jovens, principalmente depois de decretada a pandemia de Covid-19 em 2020.

Jovens representam 18,4% de todas as notificações de transtornos mentais ligados ao trabalho no SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação). Entre as principais causas, destacam-se a sensação de "ansiedade" (22%) e "stress" (17%). A metade dos casos (51%) resultou em incapacidade temporária para trabalhar, de acordo com os estudos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Conseguimos perceber que há algo acontecendo na juventude que impacta sua vida social e sua vida laboral. Percepções e

estatísticas que não existiam nessa dimensão antes das redes sociais. Seriam as redes sociais uma forma de adoecimento por parte dos jovens? Como trabalhar para que eles consigam usar essa ferramenta e possam ser críticos do uso e do conteúdo que consomem? Questões para trabalhos futuros.

À guisa de conclusão

Neste sentido, o movimento de escolha da expressão “Brain Rot” como a palavra do ano (2024) do dicionário Oxford opera em dois movimentos: a memória metálica, quando evoca o percentual e a quantidade de vezes que a palavra é citada para ser eleita; e a memória digital, fazendo com que a instituição Oxford chancele o que deve e precisa ser lembrado do ano de 2024.

Importante pensar que esses dois movimentos abrem margem para o que Moura (2018, 2020, 2021 e 2025) coloca entre a dicionarização e a verbetização; em que o primeiro conceito é o efeito institucional de validar uma palavra ou expressão na língua através de uma definição com o peso lexicográfico, enquanto a segunda é o efeito de dar sentido a termos e palavras que estão correntes na língua, de maneira fluída e sem uma chancela lexicográfica. Conseguimos perceber nessa relação de tensão que “Brain Rot” sofre exatamente esse movimento: primeiro os números para saber o que significa, depois a chancela institucional com um verbete em um dos principais dicionários do mundo (Oxford) e ainda com o destaque como a palavra do ano de 2024.

Ao que toca à saúde mental de jovens, ao uso excessivo das redes sociais digitais e aos conteúdos triviais ou pouco desafiadores, colocamos aqui perguntas que Dias e Coelho (2016) colocam em seu estudo:

> Seria o digital uma nova forma de confinamento dos sujeitos? Um confinamento voluntário? (...) Que formas da sociabilidade se produzem nessas formas de viver o urbano? O digital devolveria aos sujeitos a possibilidade de convivialidade, devastada pelo discurso da violência, ou reforçaria o aniquilamento do estar-junto? (Dias; Coelho, 2016, p. 39)

Qualquer pessoa que conviva com os sujeitos jovens percebe que os smartphones são instrumentos fundamentais para a maioria deles. Inclusive

entre eles, não é só com a presença de adultos. Nas rodas de conversa, os jovens não deixam os celulares de lado. Isso por si só já aponta uma dificuldade de convivialidade, mas podemos pensar de uma outra forma, que essas redes sociais possam ser uma maneira de cada vez mais os jovens se engajarem e ressignificarem o que é estar em sociedade. Talvez daí nasça o conflito com um sistema que acha que os manipula. Até isso acontecer, será necessário um ajuste e o uso crítico das redes. O que não dá é para que o uso seja execrado e demonizado por parte de quem não usa com frequência, pois o digital está em tudo e todos no sistema capitalista. Até entre aqueles que não querem...

Referências:

BIG TECHS sob pressão por mais segurança nas redes sociais. [Locução de]: Natuza Nery. Entrevistada: Kelli Angelini. São Paulo: G1, 2 fev. 2024. *Podcast* *O* *Assunto*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5aWScUah2y0F2T25zrrqKr?si=-EfVoYtKRNSmXmvBrvzk4Q&utm_source=copy-link.

COURTINE, J. J.; MARANDIN, J. M. Que objeto para a análise de discurso? In: CONEIN, B; COURTINE, J. J.; GADET, F.; MARANDIN, J. M.; PÊCHEUX, M. (orgs). **Materialidades Discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016 [1980].

DIAS, C. P. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/redisco/article/view/2515.

DIAS, C. P. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, C.; COELHO, C. G. F. Do discurso digital: ciência, escrita e colaboratividade. **Revista Fragmentum**, Santa Maria, n. 48, 2016.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Estudo revela do que adoecem e morrem os jovens brasileiros. 2023. Disponível em: https://fiocruz.br/noticia/2023/12/estudo-revela-do-que-adoecem-e-morrem-os-jovens-brasileiros-0. Acesso em: 8 set. 2025.

HAN, B. C. **Infocracia**: Digitalização e a crise da democracia. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2022 [2021].

HAN, B. C. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. 10. ed. São Paulo: Âyiné, 2023 [2018].

KOSMYNA, N. *et al*. **Your Brain on ChatGPT**: Accumulation of Cognitive Debt when Using an AI Assistant for Essay Writing Task. MIT Media Lab, 10 jun. 2025. Disponível em: https://www.media.mit.edu/publications/your-brain-on-chatgpt/. Acesso em: 5 set. 2025.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MOURA, J. R. F. **Da sombra as cores**: análise discursiva do dicionário LGBTs Aurélia. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MOURA, J. R. F. A Verbetização em Redes Sociais: o processo discursivo diferente da dicionarização. **Revista Policromias**, v. 5, p. 118-146, 2020.

MOURA, J. R. F. Verbetização em Âmbito Escolar: Gênero, Língua e Sexualidade. **Revista Leitura**, v. 1, p. 85-97, 2021.

MOURA, J. R. F. "Glossário às avessas" e o politicamente correto: efeitos de sentido da verbetização. **Rua [online]**, v. 31, n. 2, p. 605-629, 2025.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto**: Formulações e Circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **'Brain rot' named Oxford Word of the Year 2024**. Oxford University Press, 2 dez. 2024. Disponível em: https://corp.oup.com/news/brain-rot-named-oxford-word-of-the-year-2024/. Acesso em: 4 set. 2025.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento? 6. ed. Campinas: Pontes, 2012 [1983].

PÊCHEUX, M. Análise de discurso e Informática. In: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux: Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Tradução de Cristiane Dias. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2024: 5 billion social media users**. We Are Social UK, 31 jan. 2024. Disponível em: https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/. Acesso em: 8 set. 2025.

Data de Recebimento: 09/05/2024
Data de Aprovação: 05/09/2024